

Geração Tombamento: reflexões sobre comunicação cidadã e aquilombamento nas mídias sociais digitais¹

Yasmin Luiza da Costa FONSECA²

Mestranda

Célia Regina Trindade Chagas AMORIM³

Doutora

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

Este artigo traz reflexões sobre comunicação cidadã e aquilombamento *on-line* no prisma da Geração Tombamento, manifestação social e estética, negra e plural, surgida na rede e ruas brasileiras em 2015/2016, para a representatividade dos jovens afrodescendentes através do compartilhamento de imagens e discursos individuais nas mídias digitais na época, alternativas às mídias tradicionais. Realizou-se arguição teórico-metodológica, de base qualitativa, que trata da cidadania, com Mouffe (2003) e Nascimento (2006); e a comunicação popular, com Freire (1983;2011), Paiva (2003) e Amorim (2021). Assim, consideramos a Geração Tombamento promotora de comunicação cidadã, alternativa, pois buscou o empoderamento de sujeitos outrora destituídos de humanidade para o reconhecimento e defesa de suas identidades.

Palavras-chave: História da Mídia Alternativa; Geração Tombamento; Comunicação cidadã; Aquilombamento; Redes Sociais.

Introdução

O artigo parte da premissa da comunicação como processo de sociabilidade capaz de promover mudanças na sociedade. Nesta perspectiva, a Geração Tombamento é percebida como promotora da comunicação cidadã, alternativa, no *on-line*, através da sociabilidade por meio de mídias sociais digitais, bem como pelas físicas, e que desta forma contribuiu para o empoderamento de indivíduos historicamente marginalizados pelo contexto de produção de conhecimento e de discurso estruturados na vivência dos grupos colonizadores (SANTOS E SILVA, 2019). Sendo estes corpos negros parte de

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Alternativa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) pela Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Pesquisa e do Projeto Mídias Alternativas na Amazônia (CNPq-UFPa) e do projeto Cidadania Comunicativa: desafios, lutas e direitos compartilhados na Amazônia, (UFPa). MBA em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais pela Faculdade Estácio do Pará (2021). Bacharel em Secretariado Executivo Trilíngue pela Universidade do Estado do Pará (2019); e-mail: yasmin.fonseca01@gmail.com

³ Professora Associada da Universidade Federal do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e Faculdade de Comunicação (Facom). Coordenadora do Grupo de Pesquisa e do Projeto Mídias Alternativas na Amazônia (CNPq-UFPa) e do projeto Cidadania Comunicativa: desafios, lutas e direitos compartilhados na Amazônia (UFPa). Doutora e Mestra em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutora pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, Portugal; e-mail: celiamorim@ufpa.com

maiorias sociais⁴, a atuação desta Geração proporcionou espaços de discurso para as populações racializadas que, anteriormente, estavam à mercê do contexto social de não representatividade e não pertencimento.

Geração Tombamento foi o nome dado aos grupos de jovens afrodescendentes que, por volta dos anos de 2015 e 2016, através de algumas redes sociais digitais, inspirados por movimentos como *Afropunk*⁵ e *Fashion Rebels*⁶, iniciaram processos de discussão e atos pela representatividade dos corpos negros e suas histórias, em busca da formação de suas identidades raciais e pertencimento à sociedade por meio de falas e imagens com grande expressividade estética geralmente compartilhadas no *on-line* (DOMINGOS E NOGUEIRA, 2017). A gíria “tombar” outrora fazia referência ao tombamento causado “quando um jovem negro era abatido pelos braços do estado” (RICARDO, 2018, s.p.), o qual transparece os traços de uma estrutura social de poderio soberano, como relata Mbembe (2016) na perspectiva do biopoder foucaultiano, onde a máxima expressão desta soberania estatal decide quem será ou não reprimido ou, inclusive, morto. Para o autor, “[...] matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder” (MBEMBE, 2016, p. 123).

O autor ainda defende que estas características advêm desde os processos de colonização, onde os nativos eram tidos como “selvagens” por terem a natureza como regente de seus cotidianos e, depois, nos processos de escravização, no qual a pessoa escravizada, através de fundamentos racistas, era desprovida de humanização e passava a ser “uma sombra personificada”. Para Mbembe (2016):

[...] a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político. Essa perda tripla equivale à dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral) (MBEMBE, 2016, p. 131).

⁴ BOFF, Leonardo. A herança de exclusão na história do Brasil. In: Giro Marília. **Giro Marília**. Marília, 05 set. 2017 Disponível em: <https://www.giromarilia.com.br/colunas/leonardo-boff/a-heranca-de-exclusao-na-historia-do-brasil/10308>. Acesso em: 17 maio. 2021.

⁵ Festival de celebração da estética, música e cultura afro norte americana, surgido em 2005, o qual ocorre no bairro do *Brooklyn*, na cidade de Nova York. Disponível em: <https://afropunk.com>. Acesso em: 02 jun. 2021.

⁶ Grupo de moda *street style* surgido em 2012, na capital executiva da África do Sul, o qual utiliza a moda para mediar discussões das relações raciais e desconstrução de estereótipos de raça e de gênero por meio de referências estéticas negras positivadas (Santos & Santos, 2018, p. 169).

Contudo, a partir da mecanização dos instrumentos de violência na era pós-industrial, entre a Revolução Industrial e a Primeira Guerra Mundial, houve a crescente banalização da morte e, ainda, a delimitação de quem é descartável ou não ao poder soberano do Estado – demonstrando que os processos de violências pautadas na discriminação racial estão historicamente relacionados à produção mercantil capitalista (MUNANGA, 1990). Nesta visão, “tombar”, tal qual definem dicionários de norma culta da língua portuguesa, significa “Derrubar, deitar ao chão, fazer cair; Deixar de existir, de ter vida; morrer [...]” (DICIONÁRIO *ON-LINE* DE PORTUGUÊS, 2020)⁷.

Contudo, apesar da dificuldade em precisar a modificação do uso deste termo no âmbito coloquial-cotidiano, passando a atuar como gíria, segundo dicionários informais e de termos usados por grupos LGBTQIA+⁸, “tombar” foi ressignificado e trazido ao virtual como sinônimo de “arrasar”, “lacrar”, ou simplesmente “impactar causando boa impressão” (DOMINGOS & NOGUEIRA, 2017; RICARDO, 2018). Ainda, o nome Geração Tombamento foi consolidado por meio de um dos expoentes da manifestação na época, a rapper negra Karol Conka, e de sua música “Tombei”. Segundo entrevista à cantora pelo canal fechado GNT, esta explica o que entende por “tombar”:

Tombamento é quando você foge dos padrões [...] Tombamento também é você chocar, é deixar as pessoas surpresas e até mesmo admiradas. [...] Um sinal de tombamento também é quando você impõe respeito. Tombar é nada mais e nada menos do que você abalar as estruturas, tanto de uma forma negativa ou positiva. O tombamento nem sempre agrada a todos porque ele foge do convencional [...] Qualquer um pode tombar, cada um tem a sua maneira, o importante é cada um respeitar sua personalidade própria. Quando você se aceita do jeito que você é, você já “tá” sendo “tombástico”, mas uma maneira mais legal de ser “tombástico” é você aceitar o próximo do jeito que ele é. (CANAL GNT, 2018, transcrição nossa)⁹.

Desta forma, a Geração Tombamento se utilizou de aspectos da sua realidade, geralmente urbana e periférica, no agir, no falar e também no vestir, para transpor sua identidade frente às convenções sociorraciais previamente estabelecidas sobre seus

⁷ Tombamento *In: Dicionário On-line de Português*. 7Gruas, Matosinhos, 2012. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 17 maio. 2021.

⁸ Cabe aqui atentar que as fontes comuns que deram base à Geração Tombamento também se tratam de grupos deixados à margem da perspectiva cidadã, como o grupo LGBTQIA+, fato que explica a dimensão das variadas juventudes negras representadas pelo movimento bem como as características alternativa e contra-hegemônica desta manifestação.

⁹ CANAL GNT. 'Já que é para tombar...' Karol Conka explica o que é tombamento – Maquia e Fala. Rio de Janeiro: Canal GNT, 2018. 1 vídeo (7 min 8 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ya47qxR9KII>. Acesso em: 25 maio. 2021.

corpos. Ainda, a estética é um ponto característico da Geração Tombamento, pois esta engloba bases de ancestralidade mescladas ao afrofuturismo, corrente artístico-cultural construída desde os anos 1960 com referências de matriz africana junto às de ficção científica (Santos & Santos, 2019), com a utilização de cabelos crespos e cacheados naturais, estilizados ou não em penteados e cortes afros, por vezes tingidos com cores fortes, uso de maquiagem colorida, brilhosa, metalizada e/ou tribal, acessórios e vestimentas com fortes referências africanas (BARRAL, CASTRO & CASTRO, 2021).

Neste contexto, a manifestação estética importa, pois, segundo o conceito de alteridade onde a percepção do “Eu” parte da percepção das igualdades e diferenças com o “Outro”, de acordo com Munanga (2019), perceber-se enquanto pessoa negra é notar as subjugações que a estética e o fenótipo negro possuem na sociedade. Como este afirma, a alteridade gera identidades pessoais que, seguidamente, implicam nas identidades coletivas em um ciclo sem fim. A quebra do ciclo ocorre, portanto, quando há a ressignificação do tornar-se negro e a negação das construções racistas afro-brasileiras e africanas e, assim, segundo Borges (2017), o “lacrar” e o “tombar”, como sinônimos, significam mecanismos de invenção e reinvenção criados por indivíduos subalternizados a fim de potencializar sua resistência frente a situações de opressão.

[...]as amarras raciais perpassam não apenas o campo físico, geográfico, político, econômico e social, mas também os campos simbólicos e psicológicos. Não se trata, com isso, de reconstruir apenas um pertencimento territorial, mas um pertencimento de si ao enxergar-se no mundo, ao aceitar-se e celebrar suas características outrora desqualificadas. Daí surge o “lacre”. Não de uma imposição para um padrão comportamental, mas como uma exaltação de vivências negadas, como potencialização de experiências e resistências, como reconstrução de si e, portanto, do seu modo de ver, experienciar e compreender o mundo (BORGES, 2017, s.p.).

Figura 1 – Estéticas *Afropunk*, *Fashion Rebels* e Geração Tombamento, respectivamente.



Fonte: Lacerda (2016)¹⁰, Fleur (2017)¹¹, White(2019)¹².

¹⁰ LACERDA, Lorena. *Fashion Rebels: a geração Tombamento da África do Sul*. In: Portal Geledés. **Portal Geledés**. [São Paulo?], 02 mar. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/fashion-rebels-geracao-tombamento-da-africa-do-sul/>. Acesso em: 17 maio. 2021.

¹¹ FLEUR, R. *Lacração, empoderamento e luta: conheça a geração tombamento*. In: Portal Geledés. **Portal Geledés**. [São Paulo?], 13 nov. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/lacrao-empoderamento-e-luta-conheca-geracao-tombamento/>. Acesso em: 17 maio. 2021.

¹² WHITE, E. *Afropunk BK: Politics of style, body edition*. In: *Afropunk*. **Afropunk**. NY, 12 Sept. 2019. Disponível em: <https://afropunk.com/2019/09/afropunk-bk-politics-of-style-body-edition/>. Acesso em: 17 maio. 2021.

Neste sentido, o artigo objetiva refletir acerca da comunicação cidadã nas mídias *on-line*, no âmbito da Geração Tombamento, como mídias de comunicação alternativa e de ação pró-negritude¹³, comunitária, majoritariamente virtual, em favor da visibilização das identidades dos corpos negros. A comunicação, nesta perspectiva, é geradora de pertencimento, de reciprocidade, de construção estética comportamental, visual e oral, de criação espaços de partilha entre os sujeitos na luta contra a dominação hegemônica.

Apesar de críticas surgidas devido a estética da Geração Tombamento e sua chegada ao *mainstream*¹⁴, bem como acusações de vazio ideológico e pouca abrangência das ações da Geração a todos os sujeitos que a necessitam (MASAN, 2016)¹⁵, assinalamos o que diz Coutinho (2005) sobre as estratégias capitalistas de assimilação das pluralidades. Compreendemos que a Geração Tombamento surgiu como processo de resistência às imposições sobre os corpos negros, mas que gradualmente foi cooptada pelo capital na criação de mais um nicho mercadológico revestido de falsa aceitação social.

Mas o que esse processo de ampliação [da cidadania] também demonstra é que não se deve conceber esse choque, essa contradição entre cidadania (ou democracia) e capitalismo, como algo explosivo, concentrado num único ponto ou momento. Trata-se de uma contradição que se manifesta como um processo: processo no qual o capitalismo primeiro resiste, depois é forçado a recuar e fazer concessões, sem nunca deixar de tentar instrumentalizar a seu favor (ou mesmo suprimir, como atualmente ocorre) os direitos conquistados. (COUTINHO, 2005, p. 53, modificação nossa).

De certo, nem todos os atores da Geração Tombamento assim o foram por intermédio de grupos militantes ou sociopolíticos, mas a busca pela estética negra empoderada aproxima o jovem negro periférico deste tipo de conteúdo. Segundo Gomes (2007), os corpos negros no Brasil e seus traços ativam conflitos, ou seja, o processo de reformulação da identidade racial no Brasil ativa conflitos e escancara a realidade das desigualdades sociorraciais e, na perspectiva da autora, afirmar que não há consciência sociopolítica na juventude da Geração Tombamento, apenas devido ao processo de

¹³ Para Munanga (1990, p. 111), negritude é a “afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele [o indivíduo negro] é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisam recuperar”.

¹⁴ Tendência mercadológica com produtos ou serviços feitos para o grande público. (Dicionário *On-line* de Português, 2020). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mainstream/>. Acesso em: 21 maio. 2021.

¹⁵ MASAN, J. Os negros que a geração tombamento esqueceu. CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades. CEERT. São Paulo, 10 out. 2016. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/13806/os-negros-que-a-geracao-tombamento-esqueceu>. Acesso em: 21 maio. 2021.

afirmação identitária racial se dar pelo campo estético, significa ignorar os confrontos ativados quando seus corpos transgressores surgem nas redes sociais e nas ruas.

Comunicação Cidadã Alternativa e Geração Tombamento

Primeiramente, analisando a questão dos movimentos sociais, não caracterizamos Geração Tombamento com um deles, visto que esta intersecciona diversos movimentos e comunidades que perpassam a resistência negra na sociedade brasileira: negros(as) LGBTQIA+, quilombolas, feministas, com deficiência e afins (SANTOS, 2001)¹⁶. Isto também se deve ao fato de não haver, até a presente data, documentos, site ou frente física oficial de centralização das ações, atos e discursos da Geração Tombamento, tendo esta ocorrido fundamentalmente a partir do compartilhamento nas mídias sociais digitais de vários indivíduos que sentiram suas vivências abrangidas pelo intuito de celebrar e trazer visibilidade à identidade racial negra; assim, a Geração Tombamento pode ser compreendida como uma manifestação social de resistência e reinvenção de indivíduos historicamente marginalizados (BORGES, 2017, s.p.).

Posteriormente, cabe notar que as crescentes modificações tecnológicas e informacionais alteraram não apenas a forma dos relacionamentos em sociedade, bem como as ações de manifestações contra-hegemônicas. Paiva (2003) realiza análise das comunidades no *on-line* e exprime que estas são grupos de que estabelecem contato por interesses pessoais objetivando a “construção de uma nova forma social”, onde a reunião de indivíduos a fim de resgatar a organicidade social perdida por históricas dissociações da humanidade, ultrapassa os limites geográficos espaciais (PAIVA, 2003, p. 10). Com a tecnologia atual, através de *smartphones* e computadores pessoais com acesso à Internet, é possível a criação de alternativas de sociabilização no *on-line* através do compartilhamento de informações, trocas de mensagens, publicações de discursos e imagens que transpõem os limites geográficos e temporais (PAIVA, 2003).

Desta maneira, a autora percebe comunidade como meio suportado pela comunicação comunitária e pela busca da cidadania, onde ambiente virtual,

¹⁶ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Los nuevos movimientos sociales*. *Revista del Observatorio Social de América Latina/OSAL*, Buenos Aires. v. 5, p. 177-188, Sep. 2001. ISSN 1515-3282 Disponível em: www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Los_nuevos_movimientos_sociales_OSAL2001.PDF. Acesso em: 04 jun. 2021.

comunidades e ações plurais neles formadas amplificam questões sobre empoderamento e resistência de seus atores. Por fim, a autora defende as reuniões no *on-line* também como espaços de ativismo, lutas contra-hegemônicas e mudanças pró-cidadania – ações permeadas pelos processos comunicativos que o virtual permite e que, grande parte das vezes, as mídias tradicionais vetam.

No âmbito dessas lutas por direitos, a pesquisadora Amorim (2021) argumenta:

A comunicação é um imperativo ético-político que exige dos sujeitos uma luta emancipatória constante, cotidiana, para manterem esse direito sempre ativo contra toda e qualquer forma de silenciamento da voz, de aprisionamentos de potencialidades dos sujeitos, de ocultamento de existências, de eliminação de histórias, de culturas, de saberes, de seres (AMORIM, 2021, p.14).

Freire (2011) também contribui com a percepção da comunicação como motor de mudanças sociais embasadas por práticas de cidadania. Para o autor, a comunicação está para além do processo de engendrar conglomerados de palavras de modo a exprimir significados, mas é uma das formas do indivíduo perceber a si mesmo, se relacionar com o mundo ao seu redor, bem como propagar conhecimentos numa ótica de emancipação das injustiças sociais hegemônicas. Neste âmbito, é o processo comunicativo que proporcionará a emancipação dos indivíduos, através de seus questionamentos, suas reflexões, da não aceitação do que lhe é imposto nos meios de comunicação – digitais ou não, com a valorização do regional, do local, do marginalizado como fontes de conhecimento (FREIRE, 1983; 2011).

Sendo a Geração Tombamento uma manifestação coletiva de rompimento das estruturas coloniais-racistas, seus atores sociais convergem com a percepção comunicacional freireana, uma vez que os encontros proporcionados por estes transporam os limites virtuais, como a realização da Primeira Marcha do Empoderamento Crespo¹⁷ em Salvador-BA (2015) e variadas festas posteriormente realizadas por e para pessoas negras, como a AFROnto¹⁸ em Belém-PA (2016), na perspectiva da celebração da estética, dos corpos e das expressões culturais negras.

¹⁷ Marcha pela valorização e empoderamento das pessoas de cabelos crespos e afros, como parte do calendário de lutas e homenagens ao Dia Nacional da Consciência Negra, criada 2015 por um grupo de mulheres negras em torno da pauta estética como ato político e ferramenta na luta antirracista, com chamamentos principalmente via redes sociais. Disponível em: <http://www.sepromi.ba.gov.br/2019/11/2350/5a-Marcha-do-Empoderamento-Crespo-destaca-a-forca-das-mulheres-negras.html>. Acesso em: 27 maio, 2021.

¹⁸ Festa organizada pelo Coletivo de Juventude Negra do CEDENPA – Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará, cuja organização e chamamentos são compartilhados nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Disponível em: <https://m.facebook.com/afronto.on/photos/a.189222878184403/189221128184578/?type=3>. Acesso em: 27 maio, 2021.

Em relação à recusa da estética e à todos os valores que desapropriam os corpos negros de suas falas, histórias e, desta forma, de cidadania, sinalizamos a pluralidade da Geração Tombamento – visto a pluralidade dos seus atores sociais participantes, mas sinalizamos também um valor comunitário. Apesar da pluralidade e das recusas à convencional imagem do “ser negro”, o ponto de convergência destes atores ocorre por meio de um conjunto de memórias íntimas e coletivas de um passado comum partilhado pelo grupo social em questão (MUNANGA, 1990).

No caso da sociedade afro-brasileira, como de qualquer outra, a memória é constituída de um lado pelos acontecimentos, personagens e lugares vividos por este segmento da sociedade, e de outro lado pelos acontecimentos, personagens e lugares fornecidos pela socialização, enfatizando dados pertencentes à história do grupo e forjando fortes referências a um passado comum (por exemplo, passado cultural africano, passado enquanto [escravizado]). O sentimento de pertencer à determinada coletividade está baseado na apropriação individual desses dois tipos de memórias, que passam, então, a fazer parte do imaginário pessoal e coletivo (MUNANGA, 1990, p. 113, modificação nossa).

Mouffe (2003) defende que é fundamental desuniversalizar os sujeitos políticos de modo que as populações fragmentadas por processos históricos tragam à tona a variedade de atores existentes na sociedade que são, ainda, aquém de sua cidadania, a fim de englobá-los à esfera pública – reforçando que este processo pode e deve ocorrer dialogicamente para a obtenção de direitos e espaços na sociedade, sendo esta a base para uma democracia de fato. Para a autora:

Tal pluralismo está ancorado no reconhecimento da multiplicidade de cada um e das posições contraditórias a que esta multiplicidade subjaz. Sua aceitação do outro não consiste meramente em tolerar as diferenças, mas em celebrá-las positivamente porque admite que, sem alteridade e o outro, nenhuma identidade poderia se afirmar. Este é um pluralismo que valoriza a diversidade e o dissenso e não tenta estabelecer uma esfera pública a partir da sua eliminação, uma vez que reconhece neles a real condição da possibilidade de uma vida democrática a ser conquistada (MOUFFE, 2003, p. 19).

Esta pontuação é necessária para reforço da Geração Tombamento não apenas como manifestação estética, plural, identitária, jovem e negra, mas como espaço de partilha de conhecimentos, de vivências, de aprendizados, de inclusão e de valorização – pontos essenciais na prática comunicativa cidadã (AMORIM E SANTOS, 2019).

Geração Tombamento e Aquilombamento na era digital: festa AFROnto (Belém-PA)

Como manifestação de resistência, a Geração Tombamento desdobra-se de múltiplas maneiras por meio da expressividade de seus atores nas mídias digitais e em caminhos que superam o âmbito virtual, criando espaços de encontros físicos, como a festa AFROnto que ocorre em Belém-PA, cidade das autoras deste artigo. Por representar um espaço de identidade jovem e negra na Amazônia urbana de Belém, engendrada no *on-line*, percebemos festas como a AFROnto, fruto da manifestação Tombamento, como expressão de aquilombamento – uma vez que entendemos os aquilombamentos como consequências análogas às manifestações Tombamento.

Neste ponto, utilizamos a percepção de quilombo de Abdias no Nascimento (2002) como “[...] reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (NASCIMENTO, 2002, p. 348), bem como a de Beatriz Nascimento (2006) como a aglutinação solidária, de comunhão e resistência com ideologia que se perpetua temporalmente por meio de diversas expressões culturais populares dos povos negros. Para Nascimento (2006), o aquilombamento é uma repercussão da instituição quilombo.

Estas percepções convergem com a AFROnto, sendo esta uma festa negra da capital paraense, na Amazônia Brasileira, realizada pelo Grupo Jovem do Centro de Estudos e Proteção do Negro no Pará – CEDENPA, desde 2016, contando atualmente com 07 (sete) edições, trazendo atrações musicais regionais, bem como *Black music* nacional e internacional, dando espaço de protagonismo para talentos negros locais e valorização da cultura negra (AFRONTA, 2019).

Figura 2 – Festas AFROnto edição Prévia¹⁹, edição 2016²⁰ e edição Junina²¹, respectivamente



Fonte: AFROnto (2016,2017).

¹⁹AFRONTA. **AFROnto - Prévia** | 11.10.16. Belém, PA: out. 2016. Facebook: AFROnto @afronto.on. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=afronto.on&set=a.194680500971974>. Acesso em: 30 maio. 2021.

²⁰AFRONTA. **AFROnto™** | 19.11.16 [01]. Belém, PA: nov. 2016. Facebook: AFROnto @afronto.on. Disponível em: <https://www.facebook.com/afronto.on/photos/a.222748988165125/222749188165105>. Acesso em: 30 maio. 2021.

²¹AFRONTA. **AFROnto Junino**. Belém, PA: jun. 2017. Facebook: AFROnto @afronto.on. Disponível em: <https://www.facebook.com/afronto.on/photos/a.325628764543813/325634311209925>. Acesso em: 30 maio. 2021.

Tal pressuposto pode ser articulado com os estudos do grupo de pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia (CNPQ-UFPa), do qual fazemos parte, que tem na sua centralidade a busca por compreender não só a comunicação popular dos sujeitos da região como também suas lutas por cidadania. Nas considerações de Amorim e Santos (2019), por exemplo, as lutas emancipatórias na região são interligadas “com a construção de um pensamento e de uma prática contra-hegemônica de diversos atores sociais”, dentre eles e elas, negros e negras, indígenas, etc, bem como articuladas com instituições como movimentos sociais e populares para “visibilizar e ajudar a enfrentar as artimanhas do poderio político-econômico das elites local, nacional, transnacional que atuam no território, como também para fazer avançar as lutas por cidadania na região” (AMORIM E SANTOS, 2019, p. 02).

Assim sendo, o intuito da festa conflui com os argumentos de Amorim e Santos (2019) e com o que defende Borges (2017) no sentido de que os “quilombos urbanos” surgiram na perspectiva de aglutinar e reunir processos e subjetividades, no âmbito sociorracial, a fim de criar espaços seguros e de celebração onde o “tombamento” atua como uma exaltação de pessoas e culturas cotidianamente reprimidas e negadas, em um simbolismo de fortalecimento do pertencimento na sociedade e no mundo, comunitariamente e individualmente. Contudo, para Nascimento (2006) a ideia de aquilombamento é ligada compulsoriamente ao território.

Por outro ângulo, acreditamos que o aquilombamento, enquanto produto do quilombo, pode ocorrer sem a vinculação obrigatória com o territorial físico, uma vez que devido as mudanças técnicas de contato entre as pessoas, as mídias sociais digitais ofereceram meios de manter a continuidade do ideal principal dos quilombos: a resistência coletiva da população negra (PAIVA, 2003; NASCIMENTO, 2006; SOUTO, 2020). Ainda, para além da característica de comunhão celebrativa, a AFROnto conflui com tais percepções de Souto (2020) e Nascimento (2006), no sentido da realização de debates em prol da resistência e da cidadania negra – ocorridos geralmente no período anterior às eleições de 2019, onde, juntamente com a organização da festa Coisa Preta²², foram discutiu-se estratégias de convencimento aos eleitores nulos e luta pela cidadania das pessoas afrodescendentes e, por fim, a

²²Baile negro e periférico ocorrido em Belém do Pará, desde março de 2017, composto por um coletivo de DJ's, em “uma grande celebração da diversidade da música preta e periférica, abrangendo vários gêneros e ritmos [...] para o povo preto se divertir, interagir e dançar muito” (COISA PRETAA, [201-]). Disponível em: <https://instabio.cc/20907BumDfr>. Acesso em: 03 jun. 2021.

realização de uma festa feita pelas duas organizações, cujo valor arrecadado fora convertido em material antifascista distribuído nas periferias da cidade. (AFRONTA, 2019)²³.

Figura 3 – *Stories Instagram AFRONto*



Fonte: AFRONto (2018).

Nesta perspectiva, da congregação da juventude afrodescendente “articulando ponderações e reflexões em torno dos processos de empoderamento negro, ativismo, solidariedade e resistência negra, nucleados na ideia de comunidade virtual” (SANTOS E SILVA, 2019, p. 76), defendemos a Geração Tombamento, bem como seus desdobramentos, como meios de promoção não apenas de cidadania, mas também do aquilombamento – resistência coletiva dos indivíduos negros (NASCIMENTO, 1989). Desdobramentos, estes, estruturados nas comunicações *on-line*, por meio da alternatividade permitida pelas mídias sociais digitais, proporcionando contatos e compartilhamentos instantâneos, ultrapassando limites geográficos e temporais, em prol do empoderamento da juventude negra, e que se derramam no *off-line*, por meio de atos, festas e celebrações onde a valorização estética afrodescendente é ponte para a luta por representatividade e protagonismo social.

Considerações Finais

As ações desenvolvidas pela manifestação social Geração Tombamento, representam formas de busca por cidadania, principalmente no sentido da emancipação das amarras racistas e suas tecnologias de manutenção, em prol da representatividade, da legitimação, da conquista de espaço social e de discurso à multiplicidade dos jovens afrodescendentes, sejam estes LGBTQIA+, quilombolas, feministas, com deficiência, entre outros. Não obstante, este tipo de comunidade, proporcionada pelo ambiente das redes sociais, constituiu-se por meio das práticas comunicacionais virtuais, as quais, nesta linha de atuação, também são tidas como comunicação cidadã, alternativa, por visibilizar e viabilizar discursos contra-hegemônicos e antirracistas (FREIRE, 1983; PAIVA, 2003).

²³AFRONTA. **AFRONto**: Festa Preta de Belém do Pará. Belém, PA, 09 out. 2018. Instagram: @afronto.on. Disponível em: https://instagram.com/afronto.on?utm_medium=copy_link. Acesso em: 01 jun. 2021.

Na época da manifestação (2015/2016), algumas mídias sociais digitais serviram como mídias alternativas através da produção de fala e conhecimento contra-hegemônicos, visto que a hegemonia das mídias tradicionais, embargada pela uniteralidade nos processos de construção comunicativa e de propriedade dos meios de comunicação, expressavam/expressam fortemente ideologias de um grupo social específico (claramente não negro, não LGBTQIA+ ou afins) sobre a inteira sociedade nacional, sustentando tais discursos tanto por técnicas de comunicação quanto pelas instituições sociais – meios que não abrangiam/abrangem a realidade das maiorias sociais (GRAMSCI, 2005)²⁴. Neste cenário, estas mídias digitais alternativas abriram o escutar a vozes de pessoas historicamente marginalizadas, pois, sendo a fala é um ato de negociação, o sujeito torna-se apenas sujeito falante quando os demais aceitam ouvi-lo e, assim, o a ação de ouvir significa pertencer e simpatizar com o que é dito (informação verbal)²⁵. Contudo, com o passar do tempo, as estruturas capitalistas cooptaram os processos comunicativos em rede e os meios de comunicação tradicionais passaram a competir por espaço com manifestações e movimentos sociais nas mídias digitais.

Apesar de surgida no final de 2015 em território brasileiro, como exposto ao longo do artigo, a Geração Tombamento é entendida como uma manifestação que transpôs este espaço-tempo, visto que ainda atinge as construções identitárias das juventudes negras posteriores à sua ocorrência. Assim, até hoje, esta impacta as novas juventudes afrodescendentes, bem como crianças e até pessoas mais adultas, no sentido de perceberem-se positivamente em alteridade com os demais atores das sociedades virtual e analógica (SANTOS & SANTOS, 2018).

Compreendemos, também, que tais manifestações geraram como produto eventos de aquilombamentos, os quais transcendem as delimitações territoriais, pois, segundo Souto (2020), “[...] aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político” (SOUTO, 2020, p. 141), o qual passou a ocorrer no *on-line*, bem como no *off-line*, sendo traduzidos como uma mistura de criação de espaços seguros tanto de celebração como de partilhas de traumas

²⁴ GRAMSCI, A. **Cartas do Cárcere**. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

²⁵ Fala proferida por Grada Kilomba em sua palestra “Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance de Grada Kilomba”, no Centro Cultural de São Paulo, em abril de 2016. Disponível em: <https://joocamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf>. Acesso em: 04 maio. 2021.

entre os indivíduos negros (MUNANGA, 1990; NASCIMENTO, 2006; AMORIM E SANTOS, 2019).

Graças à busca de sua identidade, que funciona como uma espécie de terapia de grupo, o negro pode despojar-se do seu complexo de inferioridade e colocar-se em pé de igualdade com outros oprimidos, o que é condição preliminar para uma luta coletiva (MUNANGA, 1990, p. 116).

Percebemos, ainda, que as interações da Geração Tombamento geraram incentivo a reinvenção e a redescoberta destes jovens por meio da estética, tendo, isto contribuído na construção identitária racial de uma nova perspectiva de valorização dos traços, das cores, dos corpos, dos cabelos, da cultura negra afro-brasileira e africana. Entendemos que redefinir o significado da estética e da beleza negra, em algo visto como belo e positivo entre os indivíduos negros, é essencial para redefinição tanto das identidades individuais quanto das coletivas, as quais são as bases dos movimentos negros (MUNANGA, 1990; MUNANGA, 2019).

Outra característica observada é o posicionamento político das ações comunicacionais. Enquanto criticou-se a valorização estética ou mesmo o pouco aprofundamento político dos atores envolvidos, compreendemos que a busca por esta estética transgressora, que rompe com estruturas coloniais de repressão aos corpos negros, gera aproximação aos discursos políticos e de militâncias, visto que posicionar-se orgulhosamente como um corpo negro, afrodescendente, na sociedade brasileira é, em si mesmo, um ato político (GOMES, 2007; AFROS, 2016).

Assim, o artigo buscou contribuir para a reflexão da importância da comunicação e das articulações contra-hegemônicas em rede nas manifestações sociais numa perspectiva de visibilidade e acesso à cidadania; além de contribuir para a reflexão sobre o quão vertebral é analisar as movimentações e agrupamentos da negritude atual, pois estas contribuem para a criação do que é e do que pode vir a ser o negro hoje e amanhã: os espaços aos quais pode vir a acessar, os discursos aos quais pode vir a verbalizar e afins – transpondo e, vagarosamente, sobrepondo a sombra que outrora os colocou como submissos, aquém de seus próprios corpos e histórias. Os casos aqui verificados, contudo, não abarcam todas as ações compreendidas pela Geração Tombamento, entretanto, representam parte do que vem ocorrendo a nível local, na Amazônia urbana de Belém-PA, bem como a nível nacional, confirmando as hipóteses levantadas neste artigo.

Referências

AFROS E AFINS. **A importância da estética e autoestima negra: Geração Tombamento é Política?** São Paulo: Afros e Afins, 2016. 1 vídeo (16 min 26 seg) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=srKdoOObjeg>. Acesso em: 31 maio. 2021.

AMORIM, C. R. T. C.; SANTOS, L. P. Articulação Internacional das Atingidas e Atingidos pela Vale S.A.: Ações de Luta nas Redes Sociais da Internet e das Ruas. **Comunicação e Informação**, Goiânia, v. 22, p. 1-21, jul. 2019. E-ISSN: 2317-675X. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/48711/33869>. Acesso em: 04 jun. 2021.

AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas. Amorim. **Paulo Freire e o direito à palavra dos/as oprimidos/as nas lutas anticapitalista, antirracista e anti-heteropatriarcal**. In: XXX Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP, 27 a 30 de julho de 2021. São Paulo: Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

BARRAL, T. O.; CASTRO, F. F. de; CASTRO, M. R. N. de. Festas Pretas em Belém: performances identitárias e políticas na festa AFRONto. **PragMATIZES**, Niterói, Ano 11, n. 20, p. 277-299, mar. 2021. ISSN 2237-1508. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/45696>. Acesso em: 19 maio. 2021.

BORGES, J. O laço é uma ação de (re)existência. In: Justificando – Mentis inquietas pensam direito. **Justificando**. [S. l.], 22 set. 2017. Disponível em: <http://www.justificando.com/2017/09/22/o-laço-e-uma-afirmação-de-reexistência/>. Acesso em: 19 maio. 2021.

DOMINGOS, J. P.; NOGUEIRA, M. A. de F. Geração Tombamento e Mercado: a popularização do jovem negro na cultura de consumo. In: XXII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2017, Volta Redonda. **Resumos** [...]. Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0614-1.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2021.

FREIRE, P. **Comunicação ou Extensão?** 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2. ed., São Paulo: Autêntica, 2007.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 124-151. Jul./Dez. 2016. E-ISSN: 2448-3. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 25 maio. 2021.

MOUFFE, C. Democracia, Cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, Santa Catarina, v. 2, n. 3, p. 11-26, Out. 2003. E-ISSN 2175-7984. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/issue/view/976>. Acesso em: 16 maio. 2021.

MUNANGA, K. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 33, p. 109-117, 1990. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1990.111217. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217>. Acesso em: 18 maio. 2021.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. 5. ed., São Paulo: Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo**. 2. ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares/ OR Editor, 2002.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *In*: RATTIS, A. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

PAIVA, R. **O Espírito Comum**: comunidade, mídia e globalismo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RICARDO, M. Estética é Política: Geração Tombamento, bandeira do tempo. *In*: Correio Nagô – Informação do seu jeito. **Correio Nagô**. Bahia, 27 out. 2018. Disponível em: <https://correionago.com.br/estetica-e-politica-geracao-tombamento-bandeira-do-tempo/>. Acesso em: 26 maio. 2021.

SANTOS, A. P. T. dos; SANTOS, M. R. dos. Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil. **Revista Dobras**, São Paulo, v. 11, n. 24, p. 157-181, Nov. 2018. ISSN 2358-0003. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

SANTOS, C. H. dos; SILVA, R. N. da. Quilombos virtuais: as novas expressões de (re)territorialização, resistência, ativismo e empoderamento negro nas redes sociais. **Revista Logos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 75-92. Jan./Jun. 2019. DOI 10.12957/logos.2019.36152 Disponível em: <https://doi.org/10.12957/logos.2019.36152>. Acesso em: 26 maio. 2021.

SOUTO, S. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Revista Metamorfose**, Bahia, v. 4, n. 4, p. 133-144, Jun. 2020. ISSN 2525-832X. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34426/21352>. Acesso em: 27 maio. 2021.